

Veredas da infância: figurações da existência infantil em João Guimarães Rosa

Fernanda Yazbek Rivitti¹¹⁶

Resumo

O presente trabalho é parte de um estudo em andamento que persegue o tema do infantil na obra de João Guimarães Rosa, propondo-se a traçar um arco por alguns dos contos em que os pequenos se fazem protagonistas na esperança de que, da análise vertical para cada obra e da linha transversal que as atravesse comparativamente, sejam descortinados sentidos e imagens do que é essa forma de existência *infans*, e seu lugar no universo rosiano. Vislumbra-se o infantil em Rosa menos como estágio de desenvolvimento humano e mais como uma forma de existência marcada por traços e temas caros ao autor: o desafio à lógica cartesiana, linear, pautada muitas vezes na coincidência dos opostos e no princípio da reversibilidade/mobilidade; a relação com a linguagem enquanto elemento também móvel, plástico, metafísico porque genesíaco em sua capacidade de reinaugurar o mundo; a face lúdica e criativa da existência; um estado, enfim, de "anterioridade de ser", próximo à origem, que é igualmente anterioridade da linguagem, no que o termo *infans* etimologicamente anuncia, aproxima os pequeninos dos caboclos, primitivos e sertanejos e os dota de um senso de integração com mundo que, em maior ou menor grau, permeia mesmo as vivências por vezes mais dolorosas de aprendizagem, e faz da relação do sujeito com o mundo tão fluida, móvel e inventiva quanto a que ele mantém com a linguagem.

Palavras-chave

Guimarães Rosa; infância; origem; linguagem

116 Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo, Pós Graduada em *A arte de Contar Histórias: abordagens poética, literária e performática*, pela Facon, e Dançaterapeuta pelo Centro Internacional de Dançaterapia Maria Fux. Atualmente é mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, bolsista CAPES. Email: fe_yazbek@hotmail.com

A presente comunicação é parte de trabalho de mestrado ainda em andamento, em que se persegue o tema das figurações da infância na obra de João Guimarães Rosa, traçando um arco por alguns dos contos em que as crianças são protagonistas – "Tresaventura", "A menina de lá", "Partida do audaz navegante", "As margens da alegria" e "Os cimos"¹¹⁷, convocando ainda em chave comparativa outras crianças como Miguilim e Dito, de "Campo Geral", e Tiãozinho e o menino pretinho, de *Sagarana*, em "Conversa de Bois" e "O burrinho pedrês", respectivamente.

Emergiu primeiramente deste estudo a constatação de que tais personagens figuram menos um retrato de estágio de desenvolvimento humano e mais uma forma de existência no mundo, que guarda afinidades e ressonâncias com alguns dos grandes temas rosianos, e é nesta figuração e sua relação com tais temas que nos centraremos aqui, convocando as imagens de alguns dos contos analisados para sustentá-la.

Enxergamos no princípio geral da reversibilidade, apontado por Antonio Candido em *Grande Sertão: Veredas* como gerador de uma profusão de ambiguidades nos mais variados planos narrativos¹¹⁸, uma das principais constantes norteadoras não apenas do romance, mas de toda obra rosiana. Tal reversibilidade desestabiliza referências e parece a serviço da convicção profundamente arraigada em Rosa de que as coisas não são as coisas, a realidade objetiva não tem a supremacia sobre a subjetiva ou metafísica. "Tudo é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo"¹¹⁹. É, portanto, rompendo com a lógica linear, cartesiana, e dizendo, com a filosofia hermética, "o semelhante e o dessemelhante são uma só coisa"¹²⁰, que Rosa nos aponta, nesta nossa Caverna de Platão, as frestas, por vezes inauditas, que "escancham os planos da lógica" a revelar-nos, subitamente, a "coerência do mistério geral"¹²¹.

Parece-nos que o infante é, em Rosa, uma "fresta" muito particular para o mistério geral. Ele se faz, em sua obra, imagem potente dessa *Coincidentia Oppositorum*, figuração do infinitamente grande no infinitamente pequeno; e vemos,

117 O conto "Tresaventura" encontra-se em *Tutaméia, Terceiras Estórias*; os demais integram as *Primeiras Estórias*.

118 Antonio Candido, "O homem dos avessos" In: Eduardo F. Coutinho (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, p.305 (Coleção Fortuna Crítica v.6)

119 João Guimarães Rosa, "O Espelho", *Op. Cit.*, p.119.

120 Três Iniciados, *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. Tradução: Rosabis Camaysar. São Paulo, Editora Pensamento, 1997, pp.63 e 85.

121 João Guimarães Rosa, *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p.3.

ao longo dos contos analisados, que quanto mais novos os protagonistas, mais aparentados se fazem aos grandes mistérios existenciais. A criança, este "quase nada" de gente, encarna, ainda, uma existência profundamente afeita à lógica da reversibilidade constante, na imagem de lastro algo taoísta da vida como movimento contínuo, rio em lemniscata sem fim no qual o homem navega mal quando aferrado a sistemas por demais fechados, lógicas deterministas, ânsia por controle e saber como domínio da realidade. Em caderno inédito do autor, lê-se:

Até as coisas, em si, mudam a cada instante (digo em si, porque, quanto ao sistema de inter-relações cósmicas, todas as noções deviam ser revistas, quase cada dia: jogada a primeira bomba atômica, até a noção de rabo de boi e do capim teriam que se transformar no Chapadão do Urucua ou no Pantanal do Mato Grosso). Viver é uma operação mágica. Por isso, também, porque a vida recomeça a cada minuto, é indispensável a gente se fazer como menino, ser como criança – "Amen dico vobis, nisi conversi fueritis, et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum".¹²²

A condição do infante é móvel por natureza. E tal mobilidade tem a ver, antes de tudo, com a linguagem. Etimologicamente, *infans* seria o *ser anterior à fala*, "aquele que acaba de ingressar no mundo ainda inominado, tão novo quanto os modos de sua identificação"¹²³. O infante tem na linguagem campo aberto, não formatado ou enrijecido, e se "a linguagem e a vida são uma coisa só"¹²⁴, como queria Rosa, então aquele cuja linguagem encontra-se não de todo formatada é aquele para quem o mundo e a realidade podem ser recriados a cada instante, para quem a vida, de fato, *recomeça a cada minuto*, configurando o viver verdadeira *operação mágica*.

O infante é, neste ponto, o que mais se aproxima da concepção rosiana da língua enquanto seu elemento metafísico, seja por fazê-la indissociável da existência em seu processo fluido, que jamais se cristaliza, mas também porque operá-la é, para Rosa, recriar o mundo, repetir o instante genesíaco. Ele afirma que o bem estar do homem depende de que ele "devolva à palavra seu sentido original"¹²⁵, repetindo assim o processo da criação, e que seu método com a linguagem consiste em "utilizar cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer"¹²⁶, limpando-a das impurezas da linguagem cotidiana. "Retorno à origem", ao "estado de pureza" das palavras... a uma

122 Suzi Sperber, *Guimarães Rosa: signo e sentimento*, São Paulo, Ática, 1982, p.78. ("Em verdade vos digo: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus.")

123 Luís Castello e Cláudia Marisco, *Oculto nas palavras: Dicionário Etimológico de termos usuais na prática docente*, Belo Horizonte, Autêntica, 2007, pp.51-3.

124 Günter Lorenz, "Diálogo com Guimarães Rosa". In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991, p.83 (Coleção Fortuna Crítica v.6)

125 *Idem*. p.83.

126 *Idem*. p.81.

"infância" da língua? Aqui, "tornar a língua nova" guarda também uma coincidência de opostos: o novo enquanto "novidade", "recém-criado", coincide com o momento em que a língua era "nova", "recém-nascida", portanto, o momento mais antigo, remoto, de sua existência. Essa é também uma das ambiguidades misteriosas da infância, que o crítico e filósofo Benedito Nunes ressalta ao analisar as jovens personagens de Rosa.¹²⁷ Estar próximo às origens, partilhar de uma anterioridade de ser, é o que muitas vezes doa inquietante estranheza aos pequeninos rosianos, uma jovialidade imbuída de velhice, uma leviandade séria, inocência prenhe de saberes e, em certos casos, uma aura de irrealidade que os faz mais pertencentes a um "lá" do que a um "aqui".

Em "A menina de lá" e "Tresaventura", temos as protagonistas em seus 3 anos de idade, próximas da *origem* – Nhinhinha morava "Para trás da Serra do Mim", e Djá/Iaí em uma terra de arroz com "vestígios de pré-idade", ambas constituídas na órbita da "desrazão", em desafio à lógica dos adultos que as circundam. Nhinhinha, nos dá vasto campo de reversibilidade entre carência e plenitude, loucura e santidade, normalidade e anormalidade, silêncio e verbo criador; constituída no signo da falta, vive a alegria plena e a condição de realizar seus desejos pela palavra, desdobrando a imagem de *infans* em sua anterioridade em relação à fala/simbolização, à aculturação, ao utilitarismo, em um lugar de existência, "lá", cujas dimensões podem ser psíquicas ou metafísicas. Djá/Iaí, que no nome traz referência a um aqui/agora absolutos, remete-nos ao tempo de *kairós* mais que ao de *cronos*, e contrapõe a todo instante a beleza e plenitude ao senso prático e alertas de hostilidade do mundo vindo dos adultos. Seu anseio por uma beleza luminosa nunca vista – o arrozal, "sonhado lembrado" por ela, "por cima do mundo, no miolo da luz", em ecos de reminiscência platônica, moverá sua "aventura" até o confronto com a realidade e seus perigos que, embora confirme a visão dos adultos, será alterada pelo desejo e ação da pequenina, que no fim, mesmo zombada pelo irmão mais velho, detém a "chave dourada, entre os gradis de ouro da alegria"

Esse estado de existência *original*, partilhado pelas crianças e os primitivos, distancia-se forçosamente da lógica materialista/racionalista na medida em que esta postula leis físicas/biológicas enquanto realidades fixas inexoráveis, mas também, como aponta o antropólogo Levi Bruhl¹²⁸, porque na raiz do racionalismo está o

127 Benedito Nunes, "O amor na obra de Guimarães Rosa", *O dorso do tigre*, São Paulo, Ed. 34, 2009, p.157.

128 Lévi-Bruhl, *apud* Octavio Paz, *O Arco e a Lira*, São Paulo, Cosac Naify, 2012, p.124

postulado primeiro do estado de separação entre o sujeito e o mundo, ou entre quaisquer corpos no tempo e no espaço. Enquanto isso, nas formas de existência *infans*, impera ainda a lógica participativa, um *estado fusional*, participação tão plena do sujeito em tudo o que existe que ele assume aspecto quase demiúrgico. Assim compreendemos também a capacidade extremamente intuitiva destas personagens e sua profunda relação com a natureza, em especial com os bichos, a ponto de lograr comunicação de fato com eles. Nhinhinha realiza pela palavra o Ato Criador, o milagre em que "a palavra se fez carne", materializando seus desejos à vontade; Djá/Iaí também tem relação especial com a palavra, pegando no ar um "chamado de socorro" do sapo quase engolido pela cobra. Mais conectadas a instâncias espirituais ou metafísicas do que os adultos, são quase que literalmente *infans*, seres cuja comunicação se dá por vias outras que não a palavra-matéria, mas certa palavra-pensamento, palavra-música, irmanada, assim, à palavra poética em sua dimensão arcaica, passível de comunicar inclusive com outros reinos que não o humano, com outros mundos que não o imanente. Assim também Tiãozinho, de "Conversa de bois", terá seus pensamentos, sentimentos e desejos assumidos por um dos bois do carro, em momento de identificação/participação plena entre ambos, levando à morte "acidental" do patrão cruel. Já o menino pretinho de "O burrinho pedrês", em viagem com uma boiada, afastado da mãe a contragosto, após tentativas frustradas de convencer os vaqueiros a deixá-lo retornar, entoava uma cantiga de profunda beleza e tristeza, que primeiro desinquieta os bois, então os silencia, os faz voltar a cabeça nas pausas... Quando todos acordam, a boiada aquerenciada havia estourado doida, e o pretinho nunca mais foi encontrado.

Deste estado de existência *infans* emergem invariavelmente a Alegria e a Beleza, (lembramos Miguilim, que finalmente sabe que o Mutum era bonito, e o Menino, que após dura aprendizagem da morte e violência poderá tocar suas "margens da alegria" a partir da beleza do vaga-lume), ambas qualidades profundamente ligadas ao senso de plenitude, de integração e, de certa forma, a um vislumbre dos postulados metafísico-filosóficos de que a realidade imanente não resume nem determina inexoravelmente a existência, mas se faz relativa, influenciável por outras leis e planos; o mundo e a linguagem de repente se revelam "grande brinquedo", passível de recriação, vividos pelos infantes em relação intuitiva e participativa, não analítica e utilitária. Este, talvez, o "segredo" que muitos dos pequeninos rosianos parecem deter, e de que a maioria dos adultos se vê privada, o

que constitui um dos pontos de tensão entre os dois universos invariavelmente figurado nos contos com protagonistas pequeninos.

Tanto essa reversibilidade/mobilidade quanto a potência demiúrgica de "reinaugurar o mundo" tomam parte em ainda outra dimensão da obra rosiana: a da língua enquanto jogo. Que a escrita e o devaneio sejam atividades criativas análogas ao brincar infantil – e mesmo este um gérmen daquelas – já nos apontou Freud, em seu "Escritores criativos e devaneios"¹²⁹. Mas talvez poucos tenham realizado literariamente, em tão variados níveis, a alegria do brincar como Guimarães Rosa: "Os livros nascem quando a pessoa pensa; o ato de escrever já é a técnica e a alegria do jogo com as palavras"¹³⁰. O jogo imagético e sonoro, os deslocamentos e quebras sintáticas, a mescla de vocábulos e estruturas gramaticais de diversos idiomas, a recuperação de arcaísmos, recriação de provérbios, além dos próprios neologismos, o atestam. A brincadeira é, como a escrita, ato que inaugura mundos a partir de mobilidades/reversibilidades: para a criança que brinca, uma folha é um barco, que é um jacaré, que é um pássaro, que é um menino, que é... Nos infinitos desdobramentos, deslocamentos e sobreposições de significantes e significados, reside uma delirante alegria partilhada entre brincantes e escritores em seus atos criativos.

Por fim, o jogo, tal como a escrita rosiana, opera numa coincidência de opostos, na medida em que o brincar não é nem completamente dentro nem totalmente fora do sujeito; nem apenas realidade nem mera ficção; ele é o terreno em que o subjetivo e o objetivo se encontram e se confundem, em que dentro é fora e fora é dentro. Brincar é caminhar sobre uma fita de Moebius. Para Guimarães Rosa, viver e escrever também.

129 Sigmund Freud, *Obras Psicológicas Completas*, Rio de Janeiro, Imago, vol. IX, 1976, p.149.

130 Günter Lorenz, *Op. Cit.*, p.144.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

CAMACHO, Fernando. "Entrevista com João Guimarães Rosa". Revista Humboldt, vol. 18, nº 37, Munique; Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/joao-guimaraes-rosa-entrevistado-por.html>. Acesso em: 7 de agosto de 2017.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. Ed Ática, São Paulo, 2000.

_____. "O homem dos avessos" In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991 (Coleção Fortuna Crítica v.6).

CASTELLO, Luís e MARISCO, Claudia. *Oculto nas palavras: Dicionário Etimológico de termos usuais na práxis docente*, Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica v.6)

FREUD, Sigmund. *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

GUIMARÃES, Vicente. *A infância de João Guimarães Rosa*, São Paulo, Panda Books, 2006.

LISBOA, Henriqueta. "O motivo infantil em *Primeiras Estórias*". In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991 (Coleção Fortuna crítica, v.6).

LORENZ, Günter. "Diálogo com Guimarães Rosa". In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991 (Coleção Fortuna Crítica v.6)

NUNES, Benedito. "O amor na obra de Guimarães Rosa", *O dorso do tigre*, São Paulo, Ed. 34, 2009.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*, São Paulo, Cosac Naify, 2012.

_____. *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas* - 19ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. *Primeiras Estórias*. - 15ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Sagarana*. - 21^a ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Tutaméia (Terceiras Estórias)* 3^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*, São Paulo, Ática, 1982.

TRÊS INICIADOS. *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. [Trad. Rosabis Camaysar], São Paulo, Editora Pensamento, 1997

VERMOREL, Henry. "Sigmund Freud et Romain Rolland, correspondance 1923-1936", *Histoire de la Psychanalyses*, Paris: PUF, 1993

WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA, 1975.